

## **Feirantes: do Centro Comercial à Nova Feira de Camaçari.<sup>1</sup>**

*Júlia Rosa Castro de Britto<sup>2</sup>*

### **Introdução**

Esse artigo encontra-se com a seguinte divisão: na primeira parte intitulada “A Feira no coração da cidade”, uma sucinta apresentação da origem de Camaçari juntamente com o Centro Comercial e toda modificação com que a feira vai aos poucos introduzindo uma nova paisagem e contribuindo no desenho do município. Aos feirantes de Camaçari, cidade situada na Região Metropolitana de Salvador, reverenciam um grande esforço como o território de conquista de sua sobrevivência. Entretanto no centro de projetos de “modernização” urbana da cidade, o antigo Centro Comercial “*que é o corpo é o mercado que hoje está vivo de pé que está sendo recondicionado*”<sup>3</sup>, espaço onde girava a dinâmica do comércio informal da cidade de Camaçari no decorrer do século XX.

Na segunda parte, intitulada “Memória de Trabalhadores”, apresento os conflitos e as resistências entre os trabalhadores da feira e o poder local, busco perceber as mudanças do dia a dia que servem de apoio à sobrevivência de um grande número de trabalhadores, no curso do processo de construção e reconstrução, possibilitando uma compreensão de quem é o feirante, e a partir dele entender a nova dinâmica instituída num espaço que se faz novo.

Com a transferência para as novas instalações criaram-se dois pólos opostos entre administradores e feirantes. Por um lado à desorganização e a falta de higiene em meio a boxes, barracas e mercadorias expostas ao chão. Por outro, sofisticado instrumentos e equipamentos de ponta no pátio e galpões das indústrias. Deixando no esquecimento as dificuldades dos feirantes em adaptarem-se as condições na Nova Feira.

Este estudo contempla a pesquisa de campo, uma vez que recorrerá intensamente ao uso de depoimentos orais de feirantes com mais de vinte anos, moradores do município intercalados com recorte de jornais, livros de atas, que nos permite ter uma visão da posição dos poderes públicos diante da questão dos feirantes, como também o comportamento da sociedade diante do problema. Esta documentação faz parte do acervo do Arquivo da Câmara Municipal de Camaçari. São 04 os livros de ata que cobrem o período de (1999/2002). No mesmo acervo, encontra-se a Lei Orgânica Municipal (1997) e os Livros de Requerimentos,

---

<sup>1</sup>Este artigo apresenta parte da pesquisa “Fazendo a Feira: a transformação do cotidiano daqueles que fizeram o Centro Comercial de Camaçari.” desenvolvida durante o curso de Graduação de História Bacharelado na Universidade Católica do Salvador, sob orientação do Prof. Dr. Charles D’Almeida Santana, defendida em fevereiro de 2004.

<sup>2</sup> Mestranda em Cultura, Memória e Identidade Regional na Universidade Estadual da Bahia - UNEB.

<sup>3</sup> Antonio Carlos Pereira Filho. Depoimento citado.

ao qual nos permite, por exemplo, ter uma visão da assistência ao problema dos feirantes. Artigos, documentos oficiais e fotografias que versem sobre o assunto.

Nesta pesquisa tive a oportunidade e a sensibilidade de dialogar com histórias diversas, mas que se confundem num determinado momento, homens e mulheres oriundos de diferentes regiões e grandes colaboradores desta pesquisa como: Dona Juliana Onória dos Santos, entrevista realizada no dia 11/04/2002, uma simpática velhinha de 66 anos, conhecida como “Júlia dos temperos verdes”, mulher sofrida com a saúde, praticamente impossibilitada de andar pelos problemas das pernas, que paga uma condução todo “santo dia” para levá-la à feira e poder trabalhar e sustentar a filha e os netos. O Senhor Antonio Carlos entrevista realizada no dia 16/04/2002, homem que circulou o Brasil ao lado de sua mãe quando pequeno, aprendendo diversas habilidades profissionais, constituindo família no município de Feira de Santana, criando seus herdeiros na cidade de Camaçari, optou em ser radialista no espaço da feira. Conhecido como Charles Publicidade dinamiza a propaganda dos comerciantes local diferenciando o espaço da feira. Dona Maria Araújo, entrevista no dia 19/05/2002, nasceu na Paraíba, saiu do interior de Pernambuco com seus filhos, para tentar uma nova vida em Camaçari, com muitas dificuldades e as armadilhas da vida conseguiu aos 73 anos de idade uma residência no município de Monte Gordo onde levanta todas as manhãs para desenvolver suas atividades na feira. Dona Maria Alice juntamente com outras irmãs aprendeu o ofício de ser feirante trabalhando com seus pais trabalha na parte dos cereais e atualmente vende lanches no estacionamento da Ford para complementar o orçamento da família. Dona Maria Alice Romualdo dos Santos, entrevista no dia 03/07/2002, nasceu em Santa Maria da Boa Vista-PE, feirante desde os oito anos de idade, residente à rua do Telégrafo 728 quartinho Gleba “B”, trabalha na feira de Camaçari há 19 anos e atualmente desenvolve atividade na banca nº 69 de sua tia por não ter um Box. Noemia Monteiro, entrevista realizada no dia 11/06/2002, secretária da administração da feira, aos 32 anos de idade é formada e reside no município de Salvador.

A bibliografia referente a mercados e feiras livres é muito vasta, e grande parte dos autores tem uma preocupação em focar a contribuição desses espaços para a cidade em questão. Nesse sentido pude apurar meu olhar para a dinâmica da feira em Camaçari, percebendo uma ausência de trabalhos escritos sobre a temática de estudo a ser investigada a História de Camaçari é uma região que se apresenta como um desafio para os historiadores uma vez que são poucos os trabalhos escritos, muitos ainda sequer publicados. No entanto, especificamente sobre o Centro Comercial e a feira livre de Camaçari, não encontramos referências bibliográficas. Os trabalhos que conseguimos reunir apresentam apenas um

levantamento sobre o primeiro núcleo de habitantes, levantamento estatístico sobre, população, comércio, economia e agricultura (Coleção de Monografia 3º série), o crescimento da feira no desenho da cidade nos anos 1946 (“Minha Cidade Nossa História-Memória de idosos 1999”). Outras referências foram incorporadas em minhas reflexões na necessidade da realização de estudos mais aprofundados sobre a questão e no decorrer do presente tema de pesquisa encontramos e utilizamos os seguintes trabalhos nas quais existem referências sobre feiras-livre e mercados: O autor MOTT, Luiz<sup>4</sup> (“A feira do Brejo Grande”) estudo realizado em Sergipe, indicando caminhos de pesquisa no sentido de compreender a cidade a partir da feira e de sua geografia, sem perder de vista dimensões culturais e sociais da vida do feirante. Já em seu artigo (“Feira de Ladra”), comparando os anos 1552 e 1971, sua proposta de estudo é condensar os múltiplos olhares acerca do cotidiano da feira em Portugal e tentar articulá-lo aos aspectos da “sociedade global”, assim com seus produtos vendidos e dimensões de hierarquia entre os comerciantes do varejo.

O trabalho de POPPINO Rollie<sup>5</sup> (“Feira de Santana”) fala sobre a importância da feira para o desenvolvimento da cidade de Feira de Santana que originou-se num rancho da fazenda Olho d’ água, constituindo-se na primeira feira de gado da Bahia iniciada no século XVI em Capuame na parte norte do Recôncavo.

O trabalho do geógrafo SANTOS Miguel<sup>6</sup>, busca analisar as idéias de processo de urbanização nas cidades do Recôncavo Baiano, e a ampliação do comércio para além do núcleo de origem da formação de cada uma delas. Ele enfoca as feiras-livres como importantes acontecimentos para a organização do espaço urbano regional.

A autora GUIMARÃES Olmária<sup>7</sup> (“O Papel das Feiras-Livres no Abastecimento da Cidade de São Paulo”) aborda o crescimento da cidade de São Paulo e o seu incremento demográfico acarretando uma série de problemas como o abastecimento alimentar da metrópole. O espaço urbano não se limitou à ocupação região, porém sua distribuição geográfica ou a procedência dos produtos ficou sujeita às características físicas, econômicas e as exigências do mercado consumidor. Em seu trabalho teve uma preocupação em definir as feiras - livres em pontos partindo inicialmente do tamanho e número de feirantes existentes.

---

<sup>4</sup> MOTT, Luiz Roberto de Barros. A feira do Brejo Grande - Estudos de uma Instituição Econômica num município sergipano do baixo São Francisco. São Paulo: UNICAMP - 1975. (tese de doutorado, não publicada).

<sup>5</sup> POPPINO, Rollie E. - *Feira de Santana* - Itapuã - Salvador, 1968.

<sup>6</sup> SANTOS, Miguel Cerqueira dos - *O dinamismo urbano e suas implicações regionais o exemplo de Santo Antonio de Jesus/BA* - Salvador: Editora Uneb, 2002.

<sup>7</sup> GUIMARÃES, Olmária. - *O papel das feiras-livres no abastecimento na cidade de São Paulo* - São Paulo: USP - 1968. (tese de mestrado não publicada).

Por sua vez, o trabalho de autoria de RAU Virgínia<sup>8</sup> (“Estudos de História Medieval”), em seu capítulo -Feiras Portuguesas do Século XII- fala sobre as feiras medievais portuguesas, propondo-se a diferenciar feira de mercado, destacando em seu estudo feira como um grande mercado atraente aos países distantes e já o mercado constituindo-se em uma influência localizada destinado a distribuir alimentos para a população local.

No decorrer da pesquisa, a cada dia expressava-se num grande leque de possibilidades ao qual este trabalho me proporcionava, disposta e sensivelmente colocava-me com uma única certeza de querer aprender mais sobre a principal fonte e objeto de estudo deste trabalho: o feirante, certamente a grande essência desses trabalhadores, mas não pude fechar os olhos para outras fontes que me cercaram no decorrer levantamento da pesquisa. Essas fontes em certa medida proporcionaram novas formas de ampliar os rumos e desdobramentos desta pesquisa, trazendo assim a possibilidade de dialogar com diversas fontes, nos tornando capazes de refletir sobre o perfil social do feirante na transição da feira (velha, provisória e nova) juntamente com o Centro Comercial, constituindo em nosso objetivo de estudo.

### **A Feira no Coração da Cidade**

A feira tem uma dinâmica no curso da cidade de Camaçari, despertando muita curiosidade. Nas lembranças de Dona Maria é fácil perceber suas dimensões nos dias atuais:

a feira era só um caminhosinho de formiga só ia até ali na farmácia do fina Tamires aquela salinha de cacuá do povo de Monte Gordo uma barraca a barraca que o povo vinha vender farinha.<sup>9</sup>

É um relato oral que trata de uma pequena feira acanhada, mas que desenvolvia suas atividades “*somente aos domingos, quando vinham dois bois da Fazenda Boacica no Jordão*”. Esses animais inicialmente “*eram amarrados num lugar já certo (nos fundos do atual Supermercado Bom Preço)*” (PARENTE p. 40).

A feira livre de Camaçari foi uma das primeiras atividades desenvolvida na região desde a antiga Capuame atual município de Dias D’Avila, Sandra nos lembra que a feira:

instalou-se atrás do prédio onde funciona a antiga prefeitura, hoje Tribunal de Contas do Municípios, depois foi transferida para o Alto da Cruz, para a Praça Desembargador Montenegro em frente ao Centro Comercial e fixada posteriormente na área do próprio Centro Comercial. (PARENTE, p. 101).

---

<sup>8</sup> RAU, Virgínia - *Estudos de História Medieval* - Editorial Presença Lda. - 1º ed. - Lisboa, 1986.

<sup>9</sup> Maria Araújo Cruz. Depoimento em.

Ao longo dos anos a feira cresceu movimentou-se dentro da cidade, indo de uma ponta a outra, a sua circulação facilitou muito para a compreensão de como ela contribuiu para a formação das ruas, praças e bairros, modificando até mesmo a mentalidade do povo camaçariense segundo o depoimento do Senhor Antonio Carlos:

Nota-se muito bem que a feira mudou, mudou o comportamento do povo e mudou claro e evidente o meu comportamento e o comportamento de toda minha equipe de trabalho.<sup>10</sup>

Logo podemos destacá-la enquanto um espaço construído, segundo sua verdadeira importância como território de lutas cotidianas que a tornou no coração da cidade.

As mudanças ocorridas na cidade sinalizavam um panorama de intenso movimento urbano, tendo as tradicionais feiras como obstáculo/problema a ser resolvido. Sobre o lugar da feira nas cidades, o autor Miguel afirma que *“elas constituem importantes fenômenos para entender a organização do espaço urbano regional, e, no entanto, são pouco estudadas”* (SANTOS, Miguel, 2002 p.53).

Para as administrações das últimas décadas as feiras sempre constituíram um espaço problemático e de risco tanto para a população quanto aos planos governamentais, e que esses problemas devem ser solucionados a qualquer custo, perdendo de vista as riquezas culturais desenvolvidas no seu espaço.

Em Camaçari tem-se uma preocupação mais voltada para a modernidade do espaço da feira uma vez que a mesma permanece no mesmo local. Porém, as lembranças de Charles Publicidade também nos chamam a atenção para as distinções entre os espaços:

Centro Comercial de Camaçari é o corpo que é o mercado que hoje está vivo de pé que está sendo recondicionado e daí então fora disso aí nós, nós tínhamos a feira tínhamos lá Centro Comercial e a feira livre não tinha cobertura não tinha nada, mas existia a feira.<sup>11</sup>

As sinalizações do depoente poderiam passar despercebidas já que a Nova Feira constitui-se num prédio de dois andares, composto por boxes e bancadas, ocupados por um número aproximadamente de 1215 feirantes previamente cadastrados realizado entre 98 e 99 pela SEPLAN. Durante esse período ocorreram grandes rebuliços no município. Inicialmente foi criada a feira provisória com 27.000m<sup>2</sup> para acomodar os feirantes e iniciar as obras no Centro Comercial. Do Velho espaço restaram as tristes lembranças de Antonio Pereira que:

---

<sup>10</sup> Antonio Carlos Pereira Filho. Depoimento em.

<sup>11</sup> Antonio Carlos Pereira Filho. Depoimento citado.

Daí para cá tivemos uma mudança de feira isso já ao longo do tempo passei muito tempo aí convivendo entre ratos, baratas, lama e graças a Deus isso tudo foi compensado porque Deus iluminou o homem e esse homem iluminou a minha mente e deu prosseguimento ao meu trabalho.<sup>12</sup>

Sua transferência ocorreu em 26 de setembro de 2001, em detrimento da extinção do Centro Comercial, iniciativa do projeto de uma política eleita, transformando o comércio varejista, para suprir as necessidades de consumo da população e instalações adequadas aos produtos que são expostos à venda.

“A Nova Feira” evidencia, fortalece e concretiza uma política cercada por muitos e onde poucos serão os escolhidos. A população juntamente com alguns feirantes que muito vibraram e festejaram o novo espaço hoje remete-se ao passado de forma saudosista do antigo Centro.

Com a nova feira de Camaçari, o município passa a ser considerado como um dos maiores entrepostos da Região Metropolitana de Salvador, funcionando como uma espécie de centro de abastecimento, a trajetória da feira no município não foi alarmante, porém são inúmeras contribuições que resultam entre, ruas, bairros e praças desta forma escrevendo parte da história da cidade.

## **Memória de Trabalhadores**

Estudar a feira e conseqüentemente dialogar com os feirantes me possibilitou uma análise em torno dos sujeitos sociais que dimensionaram e caracterizaram o antigo Centro Comercial, hoje Nova Feira de Camaçari.

Neste estudo os feirantes são fundamentais, uma vez que impulsionaram e nortearam o rumo desta pesquisa, levando-me a uma observação crítica aonde as suas falas vão dando o tom da mesma. A realidade da cidade não fica muito longe da proposta de avaliação de emprego e da renda nos países em desenvolvimentos e naqueles em que o estado havia implementado um processo de industrialização, pelo Programa Mundial de Empregos (PME), uma vez que a feira apresenta uma economia paralela a uma política voltada para as grandes indústrias, a exemplo do Pólo e o do Complexo Ford na cidade de Camaçari.

O complexo tecido no qual esse segmento social participa constitutivamente é também indicado pelas preocupações do executivo municipal. Segundo o prefeito José Tude:

Estão sendo ministrados sete cursos diferenciados beneficiando cerca de 300 feirantes que estão aprendendo noções de associativismo, gestão de negócios,

---

<sup>12</sup> Antonio Carlos Pereira Filho. Depoimento citado.

higiene e manipulação de alimentos, comunicação social, formação de preços, entre outros. Com a chegada da Ford, de outras empresas e a ampliação do pólo petroquímico, Camaçari tem experimentado um crescimento espetacular, mas nem toda a mão-de-obra disponível pode ser absorvida pela indústria, daí a necessidade de se formentar outros setores da economia.<sup>13</sup>

A prefeitura ao extinguir o Centro Comercial e qualificar os trabalhadores transformou a Nova Feira pretendendo, dar uma nova guinada na economia local, interferindo na morfologia da cidade, dando-lhe de certa forma um novo sorriso num discurso de “modernidade”. Para todos aqueles que a vêem de forma simplificada, o tipo de comércio desenvolvido na feira, perde de vista sua dinâmica que vai muito além da arrumação e exposição de produtos. Não restam dúvidas que aqueles pontos de venda são de extrema importância. Mas é preciso se pensar que por trás de tabuleiros de verduras, peixes ou carnes, existem ambulantes que se relacionam, e que suas vendas ou transações ultrapassam as compreensões limitadas que olham o cotidiano restrito do mercado do ponto de vista que privilegia as atividades comerciais simples. Por um lado, podemos observar aquilo que Miguel afirma ao lembrar que *“As atividades comerciais e com ponto fixos, daí a sua formalidade, merecem destaque principalmente no que se refere ao tipo de produtos comercializados e ao raio de influência na região”* (SANTOS, Miguel, 2002 p. 42). Os diálogos estabelecidos, sejam no interesse em saber de onde vem o produto ou na barganha do produto caindo na pechincha, ganham importância social para além de apenas referir-se ao poder de argumentar melhor, mais vim à esses encontros são construção e reconstrução de sujeitos históricos no cerne de processos culturais específicos uma verdadeira explosão cultural, e particularmente de entretenimento popular que estão sendo reconfigurados diante das necessidades da feira, fazendo frente à “modernidade” em Camaçari e que acabam por fim condicionando modelos de gestão diante da tão complicadas relações de poder, mas conservando muito de suas experiências.

Nesse sentido, os depoimentos orais indicam complexas vivências desses trabalhadores. Segundo dona Maria Alice, por exemplo, em seu depoimento é muito fácil identificar as mudanças no decorrer do tempo, visto que quando a mesma chegou na cidade muitas dificuldades foram e vem sendo vencidas:

Eu tinha já negociado fora antes comecei a negociar muito cedo então eu já vendi bastante coisas né alumínio, tecido então de todos que eu me senti melhor só foi mesmo tecido porque verdura agente perde muito e em oitenta setenta e oito mais ou menos foi muito bom ótimo para negociar e agora não to gostando muito mais não de negociar com verdura não tem saída antes tinha muita concorrência aqui mais hoje ta péssimo então agente vendia bastante tinha lucro

---

<sup>13</sup> Correio da Bahia - 02/01/2002.

e agora só perde né não tenho ponto agora to em banca do outros e antes eu tinha meu Box tudo funcionava bem e hoje e só perdendo o tempo mesmo.<sup>14</sup>

É um relato oral que trata de uma rica trajetória profissional instituidora de uma economia informal produzida pelos feirantes, e que se opõe às análises dos órgãos competentes que vão delineando um quadro de negligência por parte do Estado com este segmento informal. É flagrante a inexistência de uma política social de desenvolvimento com o intuito de oferecer uma variedade de oportunidades nos serviços, embora tenham sido oferecidos cursos pela prefeitura e tenham empregado uma “tecnologia de ponta”: Assim, conseguiram mudar a cara da feira, pensando num espaço limpo. Mas é possível perceber que a extinção do Centro Comercial não interferiu apenas na forma da cidade, dando-lhe um novo sorriso, mas de certa forma invadiram a privacidade dos trabalhadores que estavam acostumados com a vida que levavam em seus trabalhos.

As lembranças de dona Maria Alice ainda sugerem, que dentro do espaço da feira constitui-se uma batalha cotidiana. Desse modo, é necessário que se perceba a dinâmica desses trabalhadores que de uma forma ou de outra vem lutando para a sua existência em meio a relações entre os setores formal e informal, no espaço da feira após a sua reimplantação. Essa percepção no decorrer da pesquisa fez-se de extrema importância ao destacar que neste contexto estão os segmentos mais desfavorecidos da cidade de Camaçari. Uma população que vivencia uma política primordialmente voltada para as atividades industriais, fornecendo cursos profissionalizantes para que esse possa inserir-se no mercado de trabalho. Mas, o que podemos observar é que, em geral, o camaçariense nunca vai estar qualificado a ponto de galgar um posto de gerência, por exemplo. Pensando sempre nas possíveis dificuldades de sua inserção no mercado de trabalho, a alternativa de trabalhar na feira é sempre considerada por significativa parcela da população. E aqueles que conquistam espaço no Centro Comercial, procuraram manter-se no comércio mesmo que passem por períodos difíceis, como relata dona Maria Alice.

O tempo “ *muito bom ótimo para negociar*” acentuado pelas memórias de dona Maria Alice constitui-se no final da década dos anos 70. Com a presença do Pólo Petroquímico pulsando fervorosamente na economia local, atingindo diretamente o Centro Comercial, onde diversos feirantes puderam estruturar-se de forma acelerada. Muitos entre eles mesmos, quando se reportam a esse tempo, sentem uma enorme saudade e lembram da época em que foi possível viver decentemente do seu trabalho.

---

<sup>14</sup> Maria Alice Romualdo dos Santos. Depoimento em.



Nessa década, a cidade cresceu em função da chegada de migrantes. E a feira passou a ser constituída por um universo muito heterogêneo de homens e mulheres que saíram de suas cidades de origem onde desenvolviam alguma atividade que não proporcionavam ganhos muito satisfatórios para sua sobrevivência. Muitos deles acabaram trazendo consigo seus pertences e muito pouco dinheiro. São pessoas simples, de vidas sofridas, que vêm na feira uma atividade como meio de sobrevivência. A busca incessante do sustento leva muitos deles a desenvolverem atividades paralelas ao trabalho árduo na feira. O depoimento de um deles, Antonio Charles, é contundente:

Antonio Charles esse nome eu adquiri em Minas onde estudei nas escolas Reunidas Antonio Catulé em Janaúba, e fui para o Corveiro, estive em Corinto, Sete Lagoas Diamantina e nessa minha andança já não foi ao lado de meu pai, meu pai ficou aqui na Bahia e eu andava com minha mãe. A minha mãe era cartomante, ela fazia previsões, então tive a oportunidade de fazer vários estados com minha mãe, daí para cá sempre onde nós chegávamos eu e minha mãe eu sempre que estudava, mas agora é parte que eu aprendi foi com ela própria que ela era professora e, de colégio pouco tempo eu frequentei, mas esse pouco tempo eu adquiri uma experiência muito vasta que eu cheguei a cursar o segundo grau e através desse segundo grau eu venho de lá para cá sai da escola porque eu tenho aprendido é com o dia-a-dia é com o povo.<sup>15</sup>

A chegada desse trabalhador no espaço da feira se dá por diversos fatores: alguns foram levados pelos pais desde novo para ajudar na feira, sendo vistas como mão-de-obra familiar, ou oferecer os serviços na feira: alguns mal sabem escrever o nome e por isso não conseguem outra coisa a não ser vendedor na feira, boa parte dos feirantes passam por essa situação. O aprendizado desses homens é muito mais na experiência e na escola da vida, como o Senhor Antonio deixa transparecer em um depoimento: as contribuições do contato com o povo no decorrer de suas andanças.

Assim, como ele existem casos de outros homens que optaram em complementar a renda no espaço da feira, embora tenham uma profissão. De certa forma, o feirante seja ele fixo ou “móvel” está sempre buscando uma forma de garantir o mínimo de sobrevivência ou com o complemento do orçamento, resultando na garantia de sua vida e de seus dependentes. O depoente também conhecido como “Charles Publicidade”, nome dado pela população e muito conhecido na cidade, em seu relato aponta uma parte de sua trajetória de vida até a chegada na feira, e os motivos que o levaram até ela. Ao longo desse percurso é possível perceber as dificuldades e as conquistas que ele teve, evidenciando uma luta cotidiana.

---

<sup>15</sup> Antonio Carlos Pereira Filho. Depoimento em.

A Nova Feira, embora seja vista como um espaço sujo, e mal administrada, não pode ser analisada apenas por sua parte estrutural deixando de lado todas as experiências vividas no velho espaço que vem se perdendo ao longo do tempo para as novas mudanças impostas.

O feirante não perde de vista a vida árdua que traça diariamente, mas muitos deles se sentem realizados pelas conquistas proporcionadas pelo tempo de trabalho. Mas, é óbvio que não podemos deixar de considerar que o que serve para um, pode não servir para todos. Embora essa seja a dinâmica da vida humana, a busca de seus interesses constantemente, essa opção pelo trabalho informal é apresentada como uma válvula de escape para que estes homens possam estar inseridos no mercado de trabalho, na condição de fazerem parte de um específico grupo da população economicamente ativa. A esperança de ter um ponto, direciona os planos de muitos entre eles:

Vou trabalhar confiante que é meu né porque ali eu to trabalhando sempre eu penso assim se tia Maria chegar aqui e falar eu quero a minha barraca eu vou fazer o que com a mercadoria aí vai ou não vai aceitar eu trabalhar lá fora quem tem suas barracas não vai dá pra colocar né então eu vou ficar como sem trabalhar perder a mercadoria então eu nunca trabalho sossegada eu to ali tia Maria chega eu penso assim tia Maria vai me pedir a barraca o que é da gente é da gente o que é dos outros agente não pode confiar. O Zé mesmo ele viajou pro Norte aí nos ficamos com a barraca dele ele falou e vinte poucos dias que eu vou ficar não ficou nem quinze aí quando ele chegou agente ficou no sufoco meu Deus e agora nos vamos colocar essa mercadoria aonde ele ainda foi muito bom falou com Dinho e Dinho disse não pode ficar despreocupado vou ajeitar um cantinho na feira livre que nem na feira livre agente ia ter o direito de ficar aí passou duas semanas, nas três mas sempre com mercadoria e agente não pode jogar fora, aí foi como ele continuou na feira livre, mas qualquer hora falam que vão acabar com a feira livre. Aí quer dizer nem feira livre, nem dentro né. Localizar um ponto então é difícil né.<sup>16</sup>

Fica claro no decorrer do depoimento de Dona Maria Alice que, mesmo diante de tantas dificuldades e o risco contínuo de perder suas mercadorias, para ela a sua presença na feira desenvolvendo um trabalho, mesmo que podendo perder tudo a qualquer momento, ainda é a forma mais eficaz de sobrevivência. Ainda hoje reconquistar seu espaço para poder trabalhar não lhe sai do campo de possibilidades. Embora a realidade de Dona Maria apresente-se como um problema que será solucionado na conquista de um Box, difere-se muito do que podemos perceber em outros setores de trabalhadores na feira que embora tenham os seus espaços de trabalho definido e estruturado encontram outras dificuldades, como é a situação dos cerealistas. Localizados atrás da Cesta do Povo, os comerciantes de cereais têm que lutar cotidianamente com o processo esmagador do setor formal que cresce de maneira

---

<sup>16</sup> Maria Alice Romualdo dos Santos. Depoimento citado.

desproporcional, ficando a renda média desse segmento dos feirantes atrelados à evolução de renda do setor formal.

A dinâmica da economia informal praticada pelos feirantes da Nova Feira não tem um diagnóstico preciso, uma vez que as fontes sobre a cidade estão centradas no Complexo de Indústria é o que se apresenta a respeito da feira até então é muito pouco diante do universo que se tem a avaliar. Mas, o que foi possível perceber que mesmo com o rolo compressor por parte dos poderes competentes, o feirante vem ocupando o seu espaço.

### **Considerações Finais**

As memórias dos feirantes diante dos problemas enfrentados nas mudanças da feira tratam de tentativa de criar uma alternativa diante das imposições da administração do município e acabam delineando uma nova dinâmica dentro da Nova Feira. Assim, o atual estágio de pesquisa, é indicativo de que este trabalho não pode ser dado como concluído nem esquecermos que é a oralidade, a memória e as resistências não são possíveis de esgotarem no mundo dos homens. Esse estudo nos remete a uma parcela de lembranças documentos interpretados.

Os relatos desta pesquisa apresentam vivências de trabalhadores desde sua infância até as angústias experimentadas no deslocamento da feira. Em seu cotidiano esses feirantes vão criando estratégias para tentar manter-se no mercado de trabalho, podendo assim manter o sustento da família. Muitos desses homens vêm buscando alternativas para de uma forma ou de outra interferirem ativamente no processo, levando a muitos a tentativas frustradas.

Na análise das fontes, constatamos que a criação da Nova Feira é a oportunidade de suprir um anseio da administração do município, de higienizar e modernizar, perdendo de vista a dinâmica que já existia no Centro. Entretanto a difícil situação em que vive o trabalhador informal precisa ser enfrentado com seriedade.

A análise social do cotidiano do Centro Comercial em seu aspecto, sobretudo cultural, nos remete por outro lado a conhecer e participar da vida de homens que vivenciam pobreza e dominação, sob o prisma da informalidade levando muitos a exclusão.

Nesse contexto a cidade de Camaçari vivencia os novos rumos do projeto de modernidade vindos com as indústrias e que permeiam todos os problemas experimentados pelos trabalhadores da economia informal. Assim, a feira e a cidade apresentam-se como território de luta na dinâmica dos trabalhadores, no interior de um conjunto de relações

heterogêneas que são desenvolvidas num espaço plural que se mantém aberta à continuidade desta pesquisas e a tantos outros novos levantamentos e investigativas.